

## A loucura no feminino: mulheres alienadas no Hospital do Conde de Ferreira (1883-1928)

Analisa Candeias,<sup>1</sup> Alexandra Esteves,<sup>2</sup> Inês Afonso,<sup>3</sup> Carla Freitas,<sup>4</sup> Diana Pereira,<sup>5</sup> Luís Sá<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Escola Superior de Enfermagem da Universidade do Minho, Braga, Portugal. Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem (UICISA: E), Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnC), Coimbra, Portugal.

Centro de Investigação Interdisciplinar em Saúde, Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal. Sociedade Portuguesa de História da Enfermagem, Porto, Portugal. <sup>2</sup>Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Braga, Portugal. Lab2PT - Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga, Portugal. <sup>3</sup>Hospital de Braga, Braga, Portugal. <sup>4</sup>Casa de Saúde do Bom Jesus – Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, Braga, Portugal. <sup>5</sup>Stichting Pergamijn, Maastricht, Países Baixos. <sup>6</sup>Universidade Católica Portuguesa, Instituto de Ciências da Saúde, Porto, Portugal. Centro de Investigação Interdisciplinar em Saúde, Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal. Sociedade Portuguesa de História da Enfermagem, Porto, Portugal

Correspondencia: [acandeias@ese.uminho.pt](mailto:acandeias@ese.uminho.pt) (Analisa Candeias)

A doença mental foi alvo de curiosidade desde os tempos antigos. Embora sendo tratada muitas vezes como algo sobrenatural, a doença mental, vulgo loucura, foi igualmente abordada como um problema derivado de um desequilíbrio do corpo e/ou da alma, amiúde associada até a problemas espirituais. De facto, a enfermidade da mente encontra-se vinculada a um certo misticismo, fruto, quiçá, da dificuldade de análise concreta que os processos mentais apresentaram ao longo dos tempos.

A psiquiatria em Portugal apresentou um grande desenvolvimento durante o século XIX. Até à abertura do Hospital de Rilhafoles em Lisboa, em 1848, os alienados eram assistidos nos hospitais das diferentes cidades do país, sendo a maioria destes pertencente às Misericórdias (Gomes, 1999; Esteves, 2018). Esses doentes podiam também não ter a possibilidade de assistência, vagueando por diferentes zonas, ou, então, sendo presos para que os seus comportamentos fossem controlados. Em 1883 foi inaugurada, no Porto, outra instituição para albergar estes enfermos, o Hospital de Alienados do Conde de Ferreira, que veio colmatar a fragilidade desta assistência tão específica (Sena, 2003). Este Hospital foi considerado vanguardista e inovador, encontrando-se em consonância com aquilo que era preconizado a nível nacional e internacional à época no âmbito do tratamento da alienação (Pulido, 1851; Tucker, 1887).

O Hospital de Alienados do Conde Ferreira apresentava, nos finais do século XIX, uma dinâmica interna e complexa. O seu mapa de recursos humanos era composto não apenas por praticantes diretos da assistência (e.g. enfermeiros, médicos), todavia igualmente por um conjunto vasto de funcionários (e.g. roupeira, quinteiro), cujo serviço visava assegurar o bom funcionamento do quotidiano da instituição (Santa Casa da Misericórdia do Porto, 1883; Santa Casa da Misericórdia do Porto, 1891). As enfermarias do Hospital eram organizadas de

acordo com a faixa socioeconómica, género e a patologia/sintomatologia que os alienados apresentavam aquando a sua admissão (Candeias, Esteves & Sá, 2019). Neste trabalho é abordado o lado feminino desta estrutura hospitalar, e o objetivo do mesmo passa por conhecer e caracterizar a população de mulheres alienadas que foram admitidas no Hospital entre 1883 e 1928. Sendo este um estudo de cariz histórico, apresentámos Foucault como autor de referência na análise dos enunciados; utilizámos fontes primárias que se encontram na Biblioteca do Centro Hospitalar Conde Ferreira e no Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto – Casa da Prelada.

Entre 1883 e 1928 deram entrada cerca de 2300 mulheres alienadas no Hospital de Alienados do Conde de Ferreira. Algumas das mesmas permaneceram apenas alguns dias no Hospital, outras estiveram ali meses, porém, grande parte delas permaneceu mais de um ano internada. Veja-se, por exemplo, o caso de Maria da Piedade Mendes de Sá, que foi admitida a 25 de abril de 1883, com 42 anos, e que veio a falecer na instituição a 13 de julho de 1900, com 59 anos, tendo permanecido 17 anos em regime de internamento. Considere-se identicamente outro exemplo, como o de Júlia Rosa, que deu entrada no Hospital a 24 de março de 1883 e aí faleceu a 25 de julho de 1905, com 39 anos – passando toda a sua vida adulta numa realidade assistencial. As causas da alienação das mulheres assistidas no Hospital eram diversas, passando pela congestão cerebral, pela idiotia ou até pela mania. Muitas vezes não existia um diagnóstico clínico específico, e a sintomatologia por ela apresentada era igualmente variada, como delírio, alucinação, agitação ou inquietação. Os tratamentos eram preconizados tendo em conta essa sintomatologia e o comportamento das alienadas, passando pela hidroterapia, pela ocupação e trabalho, pela contenção e igualmente pela boa alimentação.

As condições em que eram assistidas as alienadas no Hospital não diferiam daquilo que era preconizado à época para as mulheres na sociedade portuguesa (Vaquinhas, 2005). A ela serem reservadas as oficinas de costura e o trabalho de limpeza/manutenção das enfermarias onde eram acolhidas, podendo participar em atividades agrícolas na quinta do Hospital se o diretor autorizasse, especialmente se estivessem habituadas a este tipo de tarefa (Sena, 1887). Eram cuidadas também por mulheres, as enfermeiras, ajudantes de enfermeira e criadas, sendo o universo feminino da instituição maioritariamente composto pelas alienadas e por essas agentes assistenciais. A classe médica era composta por homens, assim como a classe administrativa. O poder instituído era estabelecido de acordo com uma perspetiva masculina, sendo até o responsável pelas enfermarias um homem, o enfermeiro António Augusto Cerqueira de Barros. Se bem que aos

enfermeiros, ajudantes de enfermeiro e criados fosse vedada a entrada nas enfermarias femininas, certo é que o domínio aparente das mesmas pertencia aos homens da instituição, enquadrando-se as vivências das mulheres que nela viviam nos parâmetros sociais da quele tempo.

Em suma, a realidade do Hospital de Alienados do Conde de Ferreira não divergia das restantes realidades de assistência dos alienados, nacionais e internacionais, tanto no que diz respeito às suas dinâmicas internas, como na determinação das visões masculinas de quemgeria e governava. No fundo, estabelecia-se dentro do Hospital uma pseudossociedade que obedecia às regras do mundo externo que o circunscrescia, diferentes para os homens e para as mulheres, acentuada pelas características associadas ao estigma que a doença mental apresentava e norteada pelas diferentes hierarquias que se estabeleciam no cenário hospitalar.

## Fontes e bibliografia

Candeias, A.; Esteves, A. & Sá, L. (2019). Vigiar e Aprender a Dominar: os Enfermeiros e os Alienados no Século XIX. In Pereira, A. L. e Pita, J. R..História Interdisciplinar da Loucura, Psiquiatria e Saúde mental – IX, (pp.140-146). Coimbra: Sociedade de História Interdisciplinar da Saúde/Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra - CEIS20 (Grupo de História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia).

Caderno de Admissão n.º 13 (Júlia Rosa). Sem cota [Fonte Manuscrita]. Biblioteca do Centro Hospitalar Conde Ferreira.

Esteves, A. (2018). Loucos e/ou criminosos: O debate sobre a inimputabilidade em Portugal entre meados do século XIX e inícios do século XX. In M. M. Lobo de Araújo & A. M. García (Eds.), Os marginais (séculos XVI-XIX), (pp. 279-294). Vila Nova de Famalicão, Portugal: Húmus.

Gomes, B. A. (1999). Dos estabelecimentos de alienados nos estados principais da Europa. Lisboa, Portugal: Ulmeiro.

Índice dos Processos de Admissão com a Indicação das Entradas, Saídas e Falecimentos de Mulheres desde a Abertura d'este Hospital em 24 de Março de 1883. Sem cota [Fonte Manuscrita]. Biblioteca do Centro Hospitalar Conde Ferreira.

Livro de Admissão Definitiva. Colocação Voluntária (Mulheres) [Fonte Manuscrita]. Sem cota. Biblioteca do Centro Hospitalar Conde Ferreira.

Livro Registro do Pessoal d'Enfermagem da Misericórdia Agraciado com Medalhas e Gratificações nos Termos do Regulamento Aprovado por Despacho Ministerial de 21 de Outubro de 1901. Cota 3082 [Fonte Manuscrita]. Centro Hospitalar Conde Ferreira e no Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto – Casa da Prelada.

Processo Administrativo n.º 65 (Maria da Piedade Mendes de Sá). Sem cota [Fonte Manuscrita]. Biblioteca do Centro Hospitalar Conde Ferreira.

Pulido, F. M. (1851). Relatório sobre a organização do hospital de alienados em Rilhafoles. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional.

Santa Casa da Misericórdia do Porto (1883). Regulamento Geral do Hospital de Alienados do Conde de Ferreira. Porto: Santa Casa da Misericórdia do Porto.

Santa Casa da Misericórdia do Porto (1891). Regulamento Geral do Hospital de Alienados do Conde de Ferreira. Porto: Santa Casa da Misericórdia do Porto.

Sena, A. M. (1887). Relatório do serviço médico e administrativo do Hospital do Conde de Ferreira: Relativo ao primeiro biénio (1883-1885). Porto, Portugal: Typographia Occidental.

Sena, A. M. (2003). Os alienados em Portugal I: História e estatística II: Hospital do Conde de Ferreira. Lisboa, Portugal: Ulmeiro.

Tucker, G. A. (1887). Lunacy in manylands. Recuperado de <https://wellcomecollection.org/works/mc4q7qdb/items?canvas=4&langCode=eng&sierraId=b21293296>. [Acesso a 01/03/2021].

Vaquinhas, I. (2005). As Mulheres na Sociedade Portuguesa Oitocentista. Algumas Questões Económicas e Sociais (1850-1900). In Vieira, M. D. (org.), Grupos Sociais e Estratificação Social em Portugal no Século XIX (pp. 149-164). Lisboa: ISCTE.